

Discurso e arquivo



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Jacques Guilhaumou
Denise Maldidier
Régine Robin

Discurso e arquivo

EXPERIMENTAÇÕES EM ANÁLISE DO DISCURSO

Tradução

Carolina P. Fedatto
Paula Chiaretti

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

G945d Guilhaumou, Jacques, 1948-

Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso / Jacques Guilhaumou, Denise Maldidier, Régine Robin; tradução: Carolina P. Fedatto, Paula Chiaretti. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

1. Análise do discurso. 2. Análise crítica do discurso. 3. Linguística – História. I. Maldidier, Denise. II. Robin, Régine. III. Título.

ISBN 978-85-268-1364-9

CDD - 401.41
- 410.9

Título original: *Discours et archive: Expérimentations en analyse du discours*

Copyright © 1994, Pierre Mardag, éditeur

Copyright © 2016 by Editora da Unicamp



INSTITUT
FRANÇAIS
BRASIL

“Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d’Aide à la Publication 2015 a bénéficié du soutien de l’Institut Français du Brésil.”

“Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2015, contou com o apoio do Instituto Francês do Brasil.”

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Sumário

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Siglas e abreviaturas</i> | 7 |
| <i>Apresentação</i> | 9 |
| <i>Introdução – Denise Maldidier e a Análise de Discurso: Um lugar central no percurso dos historiadores</i> | 13 |
| 1. <i>Do espetáculo à morte do acontecimento</i> | 25 |
| 2. <i>Breve crítica para uma longa história</i> | 95 |
| 3. <i>Efeitos do arquivo</i> | 115 |
| 4. <i>“O caso Fiszbin”: Um exemplo de resistência</i> | 141 |
| 5. <i>Coordenação e discurso</i> | 163 |
| 6. <i>A língua francesa na ordem do dia (1789-1794)</i> | 185 |
| 7. <i>Elementos para uma história da Análise de Discurso na França</i> | 211 |
| 8. <i>Da enunciação ao acontecimento discursivo em Análise de Discurso</i> | 225 |
| 9. <i>Novos gestos de leitura ou o ponto de vista da Análise de Discurso sobre o sentido</i> | 235 |

| | |
|-----------------------------------------|-----|
| <i>Referências bibliográficas</i> | 247 |
| <i>Índice onomástico</i> | 257 |
| <i>Índice remissivo</i> | 259 |

Siglas e abreviaturas

- AM – Análise Metadiscursiva
BNP – Banque National de Paris (Banco Nacional de Paris)
BP – Bureau Politique (ver: DP)
CC – Comité Central (Comitê Central)
Cedep – Centre National d'Études et de Promotion (Centro Nacional de Estudos e de Promoção)
CFDT – Confédération Française Démocratique du Travail (Confederação Francesa Democrática do Trabalho)
CGT – Confédération Générale du Travail (Confederação Geral do Trabalho)
CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique (Centro Nacional da Pesquisa Científica)
DF – Direction Fédérale (Direção Federal)
DP – Departamento Político (Bureau Politique)
EG – Enunciados Gerais
ENS – École Normale Supérieur (Escola Normal Superior)
EP – Enunciados Performativos
FEN – Fédération de l'Éducation Nationale (Federação da Educação Nacional)
FGDS – Fédération de la Gauche Démocrate et Socialiste (Federação da Esquerda Democrata e Socialista)
FO – Force Ouvrière (Força Operária)
GGT – Gramática Gerativa Transformacional
IDS – Ilustrações Descritivas Simbólicas
Ifop – Institut Français d'Opinion Publique (Instituto Francês de Opinião Pública)

IM – Ilustrações Metadiscursivas

ORTF – Office de Radiodiffusion-Télévision Française (Agência de Radiodifusão e Televisão Francesa)

PCF – Parti Communiste Français (Partido Comunista Francês)

PSU – Parti Socialiste Unifié (Partido Socialista Unificado)

PTT – Postes, Télégraphes et Téléphones (Correios, Telégrafos e Telefones)

RCP – Recherche Coopérative sur Programme (Pesquisa Cooperativa Programada)

SFIO – Section Française de l'Internationale Ouvrière (Seção Francesa da Internacional Operária)

SNECMA – Société Nationale d'Étude et de Construction de Moteurs d'Aviation (Sociedade Nacional de Estudo e de Construção de Motores de Aviação)

SNESup – Syndicat National de l'Enseignement Supérieur (Sindicato Nacional do Ensino Superior)

Unef – Union Nationale des Étudiants de France (União Nacional dos Estudantes da França)

Apresentação

A presente obra agrupa uma série de trabalhos publicados entre 1976 e 1990. Ela concretiza a colaboração exemplar entre uma linguista e dois historiadores no campo interdisciplinar da Análise do Discurso.* Esse encontro não se produziu *ex nihilo*. No começo dos anos 1970, a Análise do Discurso continuava sendo um domínio ainda pouco conhecido; cada um dos três autores estava comprometido com o campo à sua maneira. Denise Maldidier, linguista na Universidade Paris X-Nanterre, havia defendido uma tese em Análise do Discurso (1970); em seguida, com Régine Robin, que publicou em 1973 uma obra pioneira sobre *História e linguística*, ela encontrou questões novas e fecundas sobre a Análise do Discurso e a História. Jacques Guilhaumou, após estudos em Nanterre, dedicou seus primeiros trabalhos como historiador à análise dos discursos revolucionários.

Contudo, depois de um período de euforia propícia a trabalhos de grande amplitude, as dificuldades se amontoavam, bloqueios surgiam: o tempo de reflexão sobre a validade do dispositivo havia chegado. Em resposta a essa crise, Denise Maldidier e Jacques

* Decidimos manter a oscilação, tal como aparece ao longo dos capítulos, entre a nomeação “Análise do Discurso” e “Análise de Discurso”. (N. da T.)

Guilhaumou escolheram explorar outras vias. No início dessa pesquisa, a complexidade das questões e sua característica implícita demandavam uma *abordagem crítica* das configurações então existentes em Análise do Discurso.

Assim começa e, em seguida, se amplia um trajeto na historicidade dos discursos. O primeiro capítulo testemunha a fecundidade das *primeiras experimentações* realizadas conjuntamente por Denise Maldidier e Régine Robin. Os capítulos dois e três estabelecem os limites dessas experimentações, ao mesmo tempo em que abrem novas perspectivas. É propositalmente que os apresentamos na sequência um do outro, marcando assim, desde já, a amplitude da mudança efetuada.

A concepção de *corpus* resulta daí singularmente modificada. Não se trata mais de confrontar um *corpus* restrito às suas condições de produção. A presença, a partir de então insistente, do arquivo, na forma de configurações de enunciados, introduz um novo dispositivo em torno das noções de trajeto temático, cotexto e momento de *corpus*. Mas essas noções foram elaboradas por meio do trabalho com *experimentações precisas* e focadas principalmente na Revolução Francesa, que constituem o coração da presente obra.

Seguros do conhecimento acumulado pelas primeiras experimentações, Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier tatearam por muito tempo em domínios discursivos bastante inexplorados nos quais são abordados, ao mesmo tempo, o acontecimento discursivo, a materialidade da língua, o sujeito de enunciação em posição de porta-voz e o sentido em discurso. Historiadores e linguistas podem encontrar aqui material para reflexão, especialmente sobre o delicado problema da relação entre descrição discursiva e interpretação histórica. Deixamos ao leitor o cuidado de apreciar as soluções propostas, essencialmente problemáticas, na medida em que não se apresentam como modelos.

Ao longo dessas pesquisas, tornou-se claro que a própria Análise do Discurso tinha uma história a ser explorada. Esta obra oferece, enfim, alguns elementos de reflexão sobre o surgimento

da Análise do Discurso na França no final dos anos 1960 e sobre as grandes questões que marcaram a sua evolução.

O último capítulo pode ser considerado uma conclusão provisória. Ele propõe, na verdade, uma síntese de experimentações relativas à Revolução Francesa, dando ênfase a uma nova Análise de Discurso, disciplina absolutamente interpretativa.



O primeiro capítulo deste livro foi escrito por Régine Robin e Denise Maldidier, os seguintes por Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier, com exceção do capítulo 7 (Denise Maldidier). Todos foram objetos de uma primeira publicação.

Capítulo 1: *Annales E.S.C.*, nº 3, mai-juin 1976.

Capítulo 2: *Dialectiques*, nº 26, 1979.

Capítulo 3: *Langages*, nº 81, 1986.

Capítulo 4: *Matérialités discursives* (Presses Universitaires de Lille, 1981, ISBN 2-85939-279-7).

Capítulo 5: *Linx*, nº 10 (Centre de Recherches Linguistiques, Paris X, 1984).

Capítulo 6: *Mots*, 16, 1986.

Capítulo 7: Communications aux Rencontres “Linguistique et Matérialisme” de Rouen (outubro 1988). *Cahiers de Linguistique Sociale*, 1989.

Capítulo 8: Communication au Colloque sur l’Histoire des théories de l’énonciation, *H.E.L.*, tome 8, fasc. 2, 1986.

Capítulo 9: *La quadrature du sens* (éd. Claudine Normand, PUF, 1990, ISBN 2-13042529-1).

Agradecemos muito particularmente a Francine Mazière pela ajuda oferecida no estabelecimento desta obra.

INTRODUÇÃO

Denise Maldidier e a Análise de Discurso: Um lugar central no percurso dos historiadores

Denise Maldidier faleceu tragicamente em 28 de agosto de 1992. Ela havia preparado este livro com Jacques Guilhaumou no programa de História da Análise de Discurso desenvolvido na unidade de pesquisa “Histoire des Théories Linguistiques” (CNRS/Universidade Paris VII).

Assim, esta obra presta conta da importância de seu trabalho e de seu lugar nos avanços e nas conquistas da Análise do Discurso. Nós trabalhamos com Denise Maldidier durante quase 25 anos. Ela publicava pouco a título pessoal, reservando-se ao trabalho coletivo. À parte uma tese muito inovadora para a época (1970) sobre o discurso político e a Guerra da Argélia, ainda não publicada,* e seu trabalho sobre a obra de Michel Pêcheux (1990), ela escrevia em parceria com outros pesquisadores. A apresentação de sua bibliografia, em uma coletânea de homenagens (Éditions des Cendres, 1993), é testemunha disso. Ela era, assim, protagonista de numerosos trabalhos e, mais especificamente, dos que são aqui apresentados.

* O texto integral da tese de Denise Maldidier, intitulada *Analyse linguistique du vocabulaire politique de la guerre d'Algérie d'après six quotidiens parisiens*, foi publicado em versão eletrônica com acesso livre no site da biblioteca digital (*Les classiques des sciences sociales*) da Universidade do Québec em Chicoutimi (UQAC). (N. da T.)

Jacques Guilhaumou a Régine Robin: Eu era, nas vésperas dos acontecimentos de maio de 1968, um de seus alunos da graduação em História, em Nanterre, no momento em que você frequentava com assiduidade os linguistas e, particularmente, Denise Maldidier. Como historiadora, por que essa orientação privilegiada em direção à Linguística? Que conjuntura a empurrava para esse lado?

Régine Robin: Na época, eu terminava minha tese,¹ que comportava uma análise discursiva dos Cadernos de Queixas do bailiado* de Semur-en-Auxois, e pesquisava novos modos de leitura que permitissem apreender uma massa documental na qual eu discernia recorrências, variantes, proximidades etc. Era a época do estruturalismo triunfante, de Lévi-Strauss a Roland Barthes, de Althusser a Lacan, analisada recentemente por François Dosse.² A Linguística era então a “rainha” das Ciências Humanas, a disciplina-piloto. Para além desse modismo, os linguistas e, sobretudo, o grupo de linguistas da Universidade de Nanterre em torno de Jean Dubois pareciam os mais bem colocados para me oferecer os meios de dialogar com os historiadores no terreno discursivo.

A História Social da Escola dos *Annales*, quase hegemônica nessa época, forte em sua conquista das estruturas, do espaço, do quantitativo, de uma nova maneira, enfim, de fazer história, não se colocava ainda o problema da textualização específica que ela produzia e, mais ainda, da dimensão significativa dos textos que lhe serviam de arquivo. Ela se movia na transparência da linguagem. Antes de Paul Veyne³ e de Michel de Certeau,⁴ uma jovem pesquisadora, normalista, não podia entender desse assunto. A História, como disciplina, não havia ainda encontrado Barthes, Foucault e o discurso. Eu queria, então, recorrendo aos processos linguísticos, dizer aos historiadores que eles ocultavam o problema da linguagem.

É preciso lembrar que estávamos todos envolvidos em um combate político e epistemológico em que já estava em questão a

* Nome dado à divisão territorial francesa na época do Antigo Regime. (N. da T.)

interpretação da Revolução Francesa. As abordagens linguísticas me pareciam sem dúvida, na época, esclarecer esse debate. Não no sentido, como deixa entender Jean-Jacques Courtine,⁵ de que já tínhamos tido as respostas; os procedimentos “linguísticos”, como o leito de Procusto, serviam apenas para ilustrar o que já estava colocado por nossas respostas. Mas no sentido de que métodos rigorosos nos permitiam escapar do círculo vicioso dos pressupostos, dos subentendidos e do implícito em prática nos debates sobre a Revolução Francesa. Era essa a conjuntura do fim da década de 1960, na virada de 1968, quando, com Denise Maldidier, decidimos trabalhar juntos sobre *corpora* históricos. Além disso, Denise Maldidier foi, durante muito tempo, militante comunista e intervinha de modo ativo, frequentemente como linguista, no debate político. É preciso lembrá-lo.

Régine Robin a Jacques Guilhaumou: Após minha partida para o Canadá no fim dos anos 1970, você trabalhou com Denise. A conjuntura dos anos 1980, que era a sua, era bem diferente. O mundo epistemológico estava em plena mutação, sem falar do mundo em si.

Jacques Guilhaumou: De fato, os lugares de debate eram ainda os mesmos, mas os termos haviam mudado. A intervenção do linguista ainda era importante no debate político, mas, agora, ela se dava em plena crise da identidade comunista, a qual atingiu de forma dramática nossas convicções comuns. Eu tenho uma lembrança muito viva da época em que o dirigente comunista da Federação de Paris, Henri Fiszbín, nos pediu para analisar seu discurso para compreender as estratégias discursivas em prática em seus afrontamentos com a direção do Partido Comunista Francês, o que tentamos fazer (ver capítulo 4).

Por outro lado, dez anos depois de seu livro pioneiro sobre *Histoire et linguistique*,⁶ do qual acompanhei a elaboração com entusiasmo, após minha dissertação de mestrado⁷ sobre a análise do discurso do jornal *Le Père Duchesne* de Hébert (parcialmente

publicado aos seus cuidados em 1974),⁸ o comportamento dos historiadores se modifica. Sua obstinação começa a trazer frutos. Os historiadores das mentalidades e das representações, em particular Roger Chartier, Robert Mandrou, Michel Vovelle, mas também os historiadores da política, como Antoine Prost, marcam seu interesse pelos trabalhos sobre o discurso político. Eles solicitam, a Denise Maldidier e a mim, que redijamos o verbete “Linguagem” na enciclopédia de *La nouvelle histoire*.⁹ Era nosso primeiro trabalho em comum.

Mas persistiam resistências cujas consequências institucionais não eram pequenas. No que me concerne, é sobretudo a título da “entrada” da Análise de Discurso nas Ciências da Linguagem, e com o apoio permanente de Maurice Tournier, então diretor do Laboratório de Lexicologia Política da École Normale Supérieure (ENS) de Saint-Cloud, que pude obter um cargo de pesquisador em Linguística no CNRS.

Minha colaboração regular e fecunda com Denise Maldidier era, então, de uma importância decisiva: ela deveria garantir a boa fundamentação de uma orientação interdisciplinar em que predomina o diálogo do historiador com o linguista.

Foi assim que me tornei, então, um historiador imerso entre os linguistas. Denise Maldidier nunca deixou de me incitar a ampliar as perspectivas abertas por tal especificidade. De um trabalho em comum a outro, e nos desvios de uma de nossas múltiplas discussões sobre a obra desse ou daquele linguista, pudemos delimitar os desafios de uma história do discurso.

Denise Maldidier me levaria ainda mais longe; ela era sempre parceira na aventura da Análise do Discurso. Em torno de Michel Pêcheux, ocorre uma reflexão sobre “a saída do estruturalismo”. Do colóquio *Materialidades discursivas* (1981) aos debates do efêmero projeto conjunto “Analyse de discours et lecture d’archive” (1982-1983), a Análise de Discurso se transforma radicalmente. Mas o desaparecimento brutal de Michel Pêcheux marca uma pausa nessa evolução em direção a novos horizontes epistemológicos. É por isso que Denise Maldidier se debruçará sobre essa

virada decisiva, centrada na forte personalidade de Michel Pêcheux, e fará dela o objeto de seu último grande trabalho (1990), ao qual produtivamente nos referiremos.

A nova conjuntura dava um lugar central à textualidade. Ela nos orientava em direção a uma abordagem cada vez mais próxima do arquivo. Assim, tínhamos a ambição, relendo Michel Foucault, mas também o linguista Jean-Claude Milner, de aprofundar nosso estudo da materialidade da língua na discursividade do arquivo. Tratava-se, em primeiro lugar, de afinar nossa apreensão da materialidade do texto, do discurso, associando-a a uma reflexão original sobre o arquivo. Nessa obra, justificamos essa orientação em diversas ocasiões e épocas diferentes. Dez anos após seus trabalhos pioneiros, e um pouco camicases, encontraríamos, enfim, certamente de modo transversal, a escuta dos historiadores.

Jacques Guilhaumou a Régine Robin: Você falou, no momento inaugural da Análise de Discurso, das abordagens linguísticas. De que se tratava?

Régine Robin: É preciso lembrar, por um lado, que o essencial de nossa obra *Histoire et linguistique*¹⁰ é consagrada exatamente a essa questão e que, por outro lado, nos explicamos mais fortemente, Denise Maldidier e eu, no primeiro capítulo desse livro.

Na época, tratava-se de uma questão muito viva. Falávamos muito de métodos, de rigor metodológico. Assim, não havíamos, de modo algum, exorcizado o demônio do cientificismo em nós. O método, que consistia essencialmente em escolher, como historiador, *corpora* determinados sobre os quais se aplicavam procedimentos de descrição emprestados da Linguística estrutural e/ou da Narratologia. O “núcleo duro” era o método harrisiano, mais ou menos remanejado, reelaborado – e nesse remanejamento Denise Maldidier desempenhou um papel fundamental –, associado a outros procedimentos do campo semântico, da análise sêmica, dos estudos lexicais, informáticos ou não. Na sequência, nosso dispositivo metodológico se enriqueceu no contato com as leituras de Roland Barthes, Émile Benveniste e Gérard Genette, antes

mesmo da grande época da Enunciação em meados da década de 1970. Percebemos todo o interesse que havia em cernir, no discurso, a retomada do discurso do outro, sua recusa, seu desvio, da mesma forma que o interesse em apreender as estratégias argumentativas explícitas no discurso. Paralelamente, a utilização flexível de categorias emprestadas à Narratologia nos permitiu afinar a análise de nossos *corpora* políticos.

Nossa bricolagem, no bom sentido, permitiu avanços reais, mas esbarrou em obstáculos, em particular no das modalidades de escolha de *corpus*. Os historiadores eram desencorajados pela mistura de uma tecnicidade, cuja aprendizagem era incontornável, e de um procedimento restrito em matéria de seleção de *corpus*, baseado em um julgamento de saber totalmente demarcado pela historiografia. Essas dificuldades reais não podiam justificar sua surdez a resultados que permitiam descrever estratégias discursivas próprias na determinação dos desafios de certos debates historiográficos, em particular sobre a natureza das elites no fim do século XVIII. Contudo, elas incitavam a reconfigurar o dispositivo de aproximação dos fatos discursivos em torno de procedimentos de descoberta.

Régine Robin a Jacques Guilhaumou: Onde se faz a ruptura e o recomeço? Qual é a contribuição de Denise Maldidier para a renovação da Análise de Discurso?

Jacques Guilhaumou: A ruptura não é feita no nível dos métodos, um instrumental que continua sempre atual para os historiadores, mas sobre o problema do *corpus* introduzido muitas vezes por Denise Maldidier, com ou sem a minha colaboração, nos debates do projeto conjunto “Analyse de discours et lecture d’archive”. É por isso que esse assunto é tão frequente nesta obra. Eu me contentarei aqui em lembrar as grandes linhas desse debate.

A problemática do *corpus* fechado, que foi a nossa no início, apresentava um grande defeito: ela remetia, se ousar dizer, a maior parte do arquivo para fora da análise do *corpus*, para um exterior chamado, bem comodamente, de condições de produção do texto.

É nossa releitura de Foucault que permite ampliar a tarefa de investigação à análise de configurações dos enunciados atestados no arquivo.

O historiador do discurso procede atualmente por um dispositivo experimental em que se associam estreitamente um trabalho sobre a configuração dos enunciados de arquivo e estudos pontuais de momentos do *corpus*, na base de um instrumental metodológico que coloca em evidência, com a ajuda de quadros semânticos, elementos textuais em relação de substituição paradigmática. Nossas últimas discussões, durante o verão de 1992, com Denise Maldidier, permitiram que eu esclarecesse em parte, em um artigo recente,¹¹ as questões desse dispositivo em relação à História.

A parte central da obra e as experimentações daí decorrentes inscrevem-se nessa perspectiva, não fornecendo os elementos propriamente ditos da análise das configurações, já apresentadas em obras da História. De fato, se permanece um laço metodológico com os estudos anteriores, o que difere essencialmente é, primeiramente, a presença em segundo plano da descrição de uma configuração textual específica do acontecimento histórico, que abre a possibilidade de descrever, no seio da historicidade, um funcionamento linguístico próprio em torno de uma invariante sintática.

O destaque é colocado sobre *a materialidade da língua na discursividade do arquivo*, segundo uma expressão de Michel Pêcheux. Aqui aparece claramente um ponto, a partir de então incontornável, das relações entre a História e a Linguística.

Denise Maldidier investia muito nessa reformulação das relações entre as duas disciplinas, tornada possível por esse momento experimental. Ela se orientava, penso, para uma abordagem dos funcionamentos linguísticos inscritos em uma historicidade, aproximando-se de certas preocupações atuais dos linguistas. Nosso último trabalho em comum, publicado paralelamente na revista *Langages* (1994), testemunha essa posição de modo eloquente. Mas a perspectiva aí aberta continua ainda em estado inicial.

Essa nova reflexão parece trazer um divórcio epistemológico. Sobre isso, nossa última discussão focalizou também o tema da heterogeneidade. Assim escrevemos sobre o assunto:

Observamos atualmente uma dissimetria nos interesses, primeiramente divididos, do historiador e do linguista na disciplina Análise de Discurso. Sempre mais próximo do arquivo, o historiador associa, no seio de configurações discursivas, enunciados heterogêneos e duplamente caracterizados:

- eles são primeiro atestados e têm valor mediador entre a análise e a reflexão. O historiador, então, extrai daí elementos interpretativos que lhe permitem dar consistência às configurações.
- eles se integram em séries de acontecimentos que vêm de uma intriga (Ricoeur).

J.-Cl. Milner (1989, pp. 194-195) sublinhou recentemente a diferença radical entre o trabalho discursivo do historiador e a perspectiva do linguista: “A conexão histórica não conhece limite nem no grau da heterogeneidade dos termos concretos, nem no número dos termos conectados. Pode-se mesmo defender a ideia de que a conexão histórica é julgada mais esclarecedora quando os termos conectados são mais heterogêneos um em relação ao outro. Quando, ademais, um dado ponto da conexão estiver conectado a um único ponto ou a uma multiplicidade de pontos, quando esses pontos forem multiplamente heterogêneos uns relativamente aos outros, eis o que se reconhecerá facilmente. Podemos ainda defender a ideia de que o termo *intriga*, proposto por P. Veyne, resume adequadamente esses diversos caracteres formais: ausência de dispositivo, heterogeneidade e não minimalismo das conexões [...]. Para a Linguística, nada disso, a intriga não existe”.

O linguista parte da repetição, quer dizer, do jogo da variação no invariante. No entanto, a análise da heterogeneidade não lhe é estranha. Mas se trata de uma heterogeneidade muito diversa. O historiador associa a ela as ideias de raridade, de atravessamento dos gêneros, de conexões máximas. Para o linguista, o heterogêneo remete ao surgimento do Outro ou de um outro discurso no enunciado de um sujeito e, para além, à impossibilidade de descrever níveis linguísticos autônomos. Aos estudos